

REDACÇÃO GERAL DO TRABALHO
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada da Liberdade, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talha-Lisboa • Telefone 5339 O.

Officinas de impressão — Rua da Atalá, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O último arranco

O desvairamento do governo do sr. António Granjo perante o conflito ferroviário atingiu o seu auge. O interesse do público, tam hiecritamente explorado nas notas fofeas da Arcada, é mais uma vez ferido pelas tesuras do governo, que se propoz electivar a desmunição de todo o material ferroviário existente em Portugal.

Em vez de procurar uma solução ao conflito, aceitando a plataforma conciliatória apresentada pelos grevistas, o sr. Granjo agrava cada vez mais esse conflito, tomando medidas irrisórias, absolutamente incompatíveis com a situação económica que a greve ferroviária agravou.

Natem foi o decreto de militarização dos serviços ferroviários. Hoje são mais três decretos proclamação de irritantes, que atinjam a dignidade da classe ferroviária e até a própria organização operária. Com um desses decretos pretende o governo anular a organização sindical dos ferroviários do Estado, criando uma comissão, a que chama de melhoramentos, em que entram comerciantes, industriais, lavradores, vendedores, em substituição das associações de classe que os ferroviários do Sul e Sueste e Minho e Douro possuem. Em um outro decreto, reduz quasi a zero as regalias que os trabalhadores dos Caminhos de Ferro usufruíam, limitando-lhes as disposições disciplinares dos respectivos regulamentos.

Nun terceiro decreto, regulando os vencimentos tam insignificantes, que empregados, cujo salário não vai além de 1875, 200, 225, 250, 280 ou 300, com um aumento respectivamente de: 50, 50, 50, 50, 50 e 55, sendo raros os que não até 570 ou 680. Os graduados, tais como inspectores, que auferem hoje 4818 e 5856, consi-se-lhes o aumento de 165 e 127.

Para o público e para toda a parte, está bem evidente a resposta que os ferroviários darão ao governo, perante as imposições que elle lhes quer fazer e que affil não será outra senão a continuação da greve, com a agravamento de algum, que ainda se encontra ao serviço, se declarar imediatamente grevista.

Pois em contraste com esta attitude do governo para com os grevistas, o mesmo governo vai conceder às Companhias e ao Estado um aumento nas tarifas de 100%. Enquanto com as suas medidas de prolongar a greve ferroviária, dificultando a normalização dum serviço público dos mais importantes, o sr. António Granjo pretende arrancar ao público o considerável aumento de 100 O/O nas tarifas, deixando o pessoal na mesma miséria e na contingência de nova greve, para o conseguimento de mais um pouco do pão.

Eis as medidas das grandes estadistas que occupam as cadeiras do poder!

Não se compadece a organização operária nem as necessidades das classes que a compõem, com a situação que resultará do estreito critério do governo, nesta questão de tam transcendental importância.

Não podem as manifestações do comércio e dos representantes das indústrias capitalistas justificar o esmagamento dos ferroviários e o sacrifício do público — do público que tem fome — sobre o qual se pretende fazer incidir um novo agravamento económico. E não podem porque esse comércio e essa indústria são compostos pelos sugadores do povo que trabalha e produz, e que eles tem roubado tam descaradamente. Os comerciantes e os industriais não representam o povo, porque, dependendo dele, o seu mistério consiste em manter a mais desenfreada exploração. Nesta conformidade, a solução da greve ferroviária distancia-se, ganhando o governo o tempo necessário para cair de sastradamente, a não ser que novas medidas, além das enumeradas, venham forçar toda a classe operária organizada a intervir, no sentido de evitar o prolongamento do agravamento económico da vida.

E são assim todos os governantes que em Portugal só tem aspirado pela liquidação das forças proletárias, sem vislumbro de consciência pelos actos praticados.

Nem ao menos as asneiras dos seus antecessores lhes servem de lição.

Não é a primeira vez que um governo dissolve por um decreto a organização desta ou daquela classe.

Fê-lo Afonso Costa contra a extinta União Operária Nacional; fê-lo o ministério de António Maria Baptista, contra o pessoal dos Correios e Telégrafos. Afinal, as dissoluções caíram perante a força das próprias classes, que continuaram a manter as suas organizações.

E' o que vai succeder ao sr. António Granjo, que terá de se conformar com a lógica dos factos, bem mais rigorosa e verdadeira do que a que tem usado como ministério.

Compreende-se, porém, a razão a que tem obedecido a publicação de tantos decretos: é o último arranco dum governo incompetente, que, a despeito das suas quixotescas afirmações, apenas contribuiu para o agravamento da questão económica, como os seus antecessores.

MUNIÇÕES PARA "A BATALHA"

Transporte.....	14.155\$60	Transporte.....	14.171\$20
Quete aberta pelo Sindicato dos Taneiros de Lisboa — Contribuintes:			
Faustino Ferreira.....	\$50	Elvira.....	\$20
António Aranha.....	\$20	Fortunato António de Oliveira.....	\$100
Janeiro.....	\$10	Casário da Silva.....	\$100
Manuel Ribeiro.....	\$10	Luis Gomes.....	\$50
José Augusto.....	\$10	Júlio dos Santos.....	\$100
José Augusto Nacho.....	\$10	José da Silva Carvalho.....	\$250
Ernesto Moura.....	\$10	Manuel Pinto.....	\$250
Joaquim Mealhada.....	\$10	Luis Costa.....	\$100
Francisco Dinis.....	\$10	Augusto Claudino.....	\$50
Alfredo Fernandes.....	\$10	Adriano Abílio Carvalho.....	\$100
Abílio Oliveira.....	\$10	Ernesto Moura.....	\$20
Francisco Cardoso.....	\$10	Ana da Silva.....	\$20
Joaquim Maria Vieira.....	\$10	Palma Conceição.....	\$20
Francisco Ministro.....	\$10	Marília da Silva.....	\$20
Júlio Pereira.....	\$10	Carlos Cruz.....	\$10
João José Caçao.....	\$10	Artur Antunes.....	\$50
António Teixeira.....	\$10	Artur Fernandes.....	\$50
Vitor Ferreira.....	\$10	Amaral.....	\$50
António Rocha.....	\$10	Margarida.....	\$50
Manuel Fernandes.....	\$10	Rafel dos Santos Dias.....	\$500
José de Castro.....	\$10	José Vieira.....	\$30
António José da Costa.....	\$10	Joaquim da Silva.....	\$30
José Vieira.....	\$10	Palma.....	\$30
António Henriques Coelho.....	\$10	Serafim Mateus Neves.....	\$30
Domingues Verissimo.....	\$10	Henrique Alvaredo.....	\$50
Manuel Alves.....	\$10	Belmiro P. da Silva.....	\$50
Capelo.....	\$10	José Augusto.....	\$50
Eduardo.....	\$10	Isau da Silva.....	\$50
António Ribeiro.....	\$10	Clotário Teixeira.....	\$50
Pedro da Silva.....	\$10	João Guerra.....	\$50
Manuel Correa.....	\$10	João de Sousa.....	\$50
Manuel Machado.....	\$10	Eurico Zesito.....	\$50
José Capelo.....	\$10	Chapeleiro.....	\$50
Possidónio.....	\$10	Apagouse.....	\$10
Augusto Saraiva.....	\$10	Vitor Garcia.....	\$10
José Rodrigues.....	\$10	António dos Santos Tavares.....	\$10
Bento do Orte.....	\$10	Albino da Silva Pereira.....	\$100
Salvador dos Santos.....	\$10	José Vilela.....	\$50
Júlio Aranha.....	\$10	Alfredo Gaspar.....	\$50
António Vieira.....	\$10	Tomás da Cunha.....	\$50
João Oliveira.....	\$10	António Rodrigues.....	\$50
Henrique Oliveira.....	\$10	António Gonçalves.....	\$50
Sabino Marques.....	\$10	Domingos José Pereira.....	\$50
Joaquim Soares.....	\$10	António A. Abrantes.....	\$50
Carlos Magala.....	\$10	Maria.....	\$50
Manuel Peres.....	\$10	João Lopes.....	\$100
António Pereira.....	\$10	José Maria Fernandes.....	\$100
Lúcio Santos.....	\$10	António Brito.....	\$100
José Pintacilgo.....	\$10	Operários do Conselho Técnico da Construção Civil, obra da Morgue — Contribuintes:	
Anibal Lourenço.....	\$10	Joaquim Francisco.....	\$50
Augusto.....	\$10	Manuel Gomes.....	\$50
Feliciano.....	\$10	Alvaro Ferreira.....	\$20
António.....	\$10	António Parreira.....	\$20
António Monteiro.....	\$10	Francisco Cavalheiro.....	\$10
J. M.....	\$10	Sabino de Carvalho.....	\$10
Quete aberta na Cooperativa dos Operários Chapeleiros "A Social" — Contribuintes:			
Henrique Júlio.....	\$20	João Correa.....	\$10
Mário Pires Lima.....	\$50	Manuel de Almeida.....	\$20
António Florindo.....	\$10	Pedro Boa Ventura.....	\$20
Artur Baptista.....	\$20	Desiderio dos Santos.....	\$20
José Rebelo.....	\$10	José Aparicio.....	\$20
Cândido Martins.....	\$10	Raimundo Francisco.....	\$10
Henrique Gonçalves.....	\$10	Manuel Ataia.....	\$10
Augusto Cardoso.....	\$20	Salvador Moita.....	\$10
Maria Moura.....	\$20	António Mauricio.....	\$10
Maria Costa.....	\$20	Manuel de Oliveira.....	\$10
Argentina.....	\$20	José Saraiva.....	\$10
Adelino Peixoto.....	\$20	António Francisco.....	\$10
António.....	\$50	Francisco Pedro Marques.....	\$10
A transportar..... 14.171\$20			
A transportar..... 14.208\$30			

NOTAS & COMENTÁRIOS

200 por cento Dizem-nos da Arcada:

Vai ser de 200 por cento o aumento a permitir das empresas ferroviárias sobre a actual sobretaxa de 100 por cento, a fim de poderem fazer face à nova melhoria de situação do seu pessoal.

A falsidade do pretexto apresentado nesta nota para justificar o incompreensível aumento de duzentos por cento nas tarifas ferroviárias noutra parte a demonstramos. Duzentos por cento! O governo propôs aos grevistas um aumento irrisório, uma melhoria insignificante de salários—e, pretende fazer-nos acreditar que são necessários duzentos por cento de aumento nas tarifas para satisfazer esse dispendio. Tão certo isto rebanhar por qualquer lado.

Epidemia? Do bairro da Alfama foram antontem removidos para o hospital do Rêgo cincoenta e seis pessoas. O jornal da noite em que esta noticia vem inserta não desvenda a qualidade de moléstia que tam grande número vitimou súbitamente—talvez no piedoso intuito de não alarmar a população. Lisboa está congestionada, e alberga actualmente o dobro das almas que deveria conter, a estarem salvaguardadas as defesas higiénicas que garantissem a sanidade da capital. Nas casas miseráveis, que um pouco de ar não saíam e que os raios de sol não iluminam, as famílias acumulam-se agora, num amontoamento asfixiante. Tudo isto gera morbos, doenças, epidemias. A alimentação que hoje se proporcionam as classes pobres é mais deficiente que nunca—havendo muito quem ganhe ainda dezoito tostões ou dois mil réis, e mal chegando esta quantia para uma única refeição, seja ella constituída de pão e cebola. Dai, os organismos estão deprimidos, e não podem resistir ao primeiro leve ataque da doença. Por outro lado, a greve da limpeza, originada por um indecoroso calote da Câmara Municipal, e por uma ordem infame da mesma câmara, pretendendo obrigar os operários à traição de camaradas seus,—a greve da limpeza deixou que pelos bairros e pelas ruas menos centrais se criassem numerosíssimos focos de infecção, gerando a peste, gerante a enfermidade, gerando a morte. De que doença

estão atacadas as cincoenta e seis pessoas que antontem foram para o hospital do Rêgo?

Um Argus Nas proximidades do chafariz de S. Paulo se juntava ontem um bando de garotetes lambusados, tudo gente miúda, da qual a quem a pronúncia dos rr indica causa sérios embaraços. Um dos pequenos deslumbrava os seus juvenis companheiros com uma mortifera pistola de folha de Flandres, munida dum galheto terível, que accionava um cão horrífico preparado para a perseguição de esurdecedores fulminantes de papel—tudo o diabolico aparato cabendo folgadoamente numa caixa de fósforos amorfos. Desvanecia-se de assombro a petizada, com ver a engenhosidade da apavorante máquina; e eis que, a pôr súbito cõro no entusiasmo da desculdosa puerícia, um guarda republicano surge, vigilante como um burro, e, vendo a terrível arma, logo ao garoto se dirige, em mavórica attitude, e apreenhe-a. Teso e talvez a intronis-sões autoritárias, avança com gemes bolchevistas no espirito, entendem por bem o delinquente não se conformar com o procedimento violento do guarda, e al temos o fedelho seguindo atrás do aprensor, a reclamar, num berreiro mais ensurdecedor, a restituição da sua pistola miniatura. O guarda a nada se move, e segue impassível, rua da Boa Vista em fora. Mas o garoto persegue-o sempre, grita desesperado, berra furiosamente: Junta-se gente, tudo de semblante perscrutador, a inquirir das causas do motim, interessada em averiguar culpas do medo. V-se rodeado o guarda; e para não prolongar a scena, saca do bolso a pistola de folha e patenteia-a à observação dos circunstantes que rompem numa gargalhada apocaliptica. A pistola é restituída ao seu dono. E o expeto guarda, para recompensa do seu zelo, dizem-nos que vai ser louvado na primeira ordem da corporação.

C. G. T.

Conselho Confederal
Reúne hoje, às 21 horas prefixas, o conselho confederal, para apreciar o relatório do secretário geral.

As greves

Os ferroviários mantem-se solidários no movimento

O Porto operário repudia a manifestação dos comerciantes e industriais—Porque se não diz a verdade sobre o desastre ocorrido com o vapor "Minho"?

A greve dos ferroviários do Sul e Sueste, Minho e Douro e Companhia Portuguesa, continua inalterável, não obstante noticias que pretendem dar como normalizados os serviços. Se um outro individuo se apresenta ao trabalho, em nada influi no moral daqueles que se mantem numa solidariedade inquebrantável, dispostos a conservar-se firmes e unidos até que justiça lhes seja feita.

A absoluta intransigência dos governantes tem enraizado mais ainda nos ferroviários o espirito de tenacidade e perseverança, prontos a defender até ao fim o pão dos seus filhos.

Pretenderam os comerciantes e industriais do Porto levar a efeito uma manifestação contra os grevistas, como se alguma autoridade moral tivessem para o fazer, posto que tem sido aquelas entidades as causadoras das más condições em que vive a população do país e consequentemente das lutas pró-aumento de salário. Tem sido os comerciantes e industriais que, elevando escandalosamente os preços a todos os artigos, obrigam os trabalhadores a conquistar melhora de situação.

Mas, apesar disso, tem a desfaçatez, a pouca vergonha, de querer protestar contra as greves de que eles e só eles são os culpados! Porém, o povo operário do Porto, que, como os ferroviários, sofre a criminosa especulação dos criminosos comerciantes, levantou a luvá, deliberando manifestar-se contra a sua attitude.

E assim, na segunda-feira, na Praça da Liberdade, à hora a que deviam reunir os honrados negociantes, a população operária portueza compareceu em enorme multidão, dando assim a mais frizante prova de solidariedade dos ferroviários. E' que a União dos Sindicatos Operários daquela cidade, interpretando o sentir do povo que trabalha e que é roubado pelo comércio, convidou o operariado a dar tam-bém o seu voto, porque só o povo o verdadeiro povo, é o árbitro destas causas.

Reportamo-nos às informações dos jornais burgueses que não puderam esconder a significativa manifestação do povo do Porto a favor dos grevistas, no entanto, mais circunstanciadamente, ao facto se referir a nosso correspondente daquela cidade.

Apesar da manifestação não ser o que as associações comerciais e industriais do Porto desejavam, não deixou o sr. Granjo de agradecer apoio que lhe davam "lamentando os excessos que impediram essa manifestação de solidariedade".

Não tem o governo, com aquela pressa com que publica as notas officias sobre os fabulosos salários dos ferroviários, dado qualquer pormenor a propósito do desastre ocorrido ao vapor "Minho", na noite do domingo para segunda-feira, que ficou sob a ponte do Seixal e do qual se diz terem resultado alguns mortos e feridos.

O pânico foi indescrevível. Gritos lancinantes perturbaram o silêncio da noite. Não obstante, não vem a público informações sobre tam grave acontecimento. Pois é preciso saber-se a verdade. Ainda nada dissemos, apesar d'sabermos desde segunda-feira do caso, para não dizerem que pretendíamos alarmar o público, esperando que, quem tem pressa em dar noticias menos verdadeiras sobre a situação do pessoal ferroviário, viesse tam bem para a imprensa descrever esse deploravel acontecimento. Em outra occasião, com os serviços normalizados, não faltariam parangões e até atacariam furiosamente o pessoal que se emprega nos Caminhos de Sul e Sueste. Porém, agora, para demonstrarem a bela normalização dos serviços, nada se diz, encobrindo-se não só este como outros desastres que se vem registando.

E' preciso, pois, elucidar sufficientemente a opinião pública para ella fazer o seu juizo.

Nota officiosa
Do Comité Central dos Ferroviários de Portugal

Não sofreu alteração sensível o decurso da greve em todas as linhas. As noticias ultimamente chegadas constam o excelente moral do pessoal, que, perante os ultimos decretos annunciados pelo governo, redobrou de energia. No Porto, a manifestação contra os grevistas não se chegou a produzir, tendo-se manifestado rudemente a população operária a favor dos ferroviários. Ratificando o protesto deste comité contra a redacção da nota officiosa antontem publicada pelo ministério do comércio, devemos elucidar o público que as subvencões a que se fez all referência, são as que o pessoal ferroviário usufrui já. O governo, enquanto vai auccizar um aumento de 100 % nas tarifas, pretende impôr aos ferroviários um irrisório aumento.

Nas linhas da C. P. a'gum pessoal abandonou o serviço por a Companhia ter declarado não poder realizar o pagamento por falta de verba. A comissão dos ferroviários da C. P. avisou-se antontem e ontem com o sr. Melo e

Sousa e com o ministro do commercio. Dessas conferencias resultou um alinhamento reciproco de responsabilidades, alegando a Companhia reconhecer a necessidade do pessoal ter os seus vencimentos aumentados, mas não o poder fazer enquanto o governo a não habilitasse com um aumento de tarifas. Por sua vez, o ministro declarou que a Companhia estava habilitada a conceder a verba de 4.000 contos, que dará uma subvenção inferior a 2700 por agente. Ainda o sr. Melo e Sousa declarou não querer o governo que aos ferroviários da C. P. fosse concedida importância superior aos do Sul e Sueste e Minho e Douro, razão que impossibilitava a Companhia de proceder livremente. Em face das declarações do ministro do commercio, a já referida comissão da C. P. declarou-lhe não voltar all mais, em vista da intransigência do governo.

Sobre o desastre ocorrido ao vapor "Minho", do Sul e Sueste, pode este Comité afirmar que occasunou mortes, resultantes da queda de alguns passageiros ao rio, quando, sobre a ponte, aguardavam o salvamento.

A imprensa, porém, omitiu esta circunstancia, de excepcional gravidade.

O chefe do depósito de Campolide, Carlos Parreira, continua incitando, por meio de cartas particulares, alguns maquiastas e fogueiros a retomar o serviço, o que o pessoal grevista tem tomado em consideração, apesar de até agora não ter produzido efeito.

Pelas 20 horas de ontem foi arbitrariamente encerrado o sindicato ferroviário da C. P. em consequência da distribuição de um suplemento aos jornais "O Ferroviário" e "O Sul e Sueste". Contra este facto protestamos energeticamente, porque elle é mais uma violência e uma arbitrariedade praticada pelo governo contra os ferroviários.

Por ultimo a C. P. foi obrigada pelo governo a convidar o seu pessoal a retomar o trabalho até ao dia 15 do corrente, sob pena de demissão. A essa imposição responderão os ferroviários da C. P., como responderam os do Estado a que lhe foi feita — não se apresentando nenhum grevista.

Em Pinhal Novo

Uma grevista evita uma grande desgraça.—O povo desta localidade recebe os ferroviários de braços abertos

PINHAL NOVO, 9.—C.—Assistiu o povo desta localidade à iminência duma desgraça que seria fatal, em que pereceriam muitas pessoas que as notas do governo convidam a viajar, como se na verdade os serviços ferroviários estejam normalizados.

Saiu desta estação um comboio tripulado por militares e dirigido pelo inspector Simplicio. Ao chegar ao quilómetro 15,900, a grevista Maria Adeline fez sinal de paragem, porque, em sentido contrario, avançava outro comboio rebocado pela máquina aviada n.º 15, composto de 8 vagões vazioes e n.º 15, também aviada, n.º 48 e 94. Bastantes passageiros em altos gritos lançaram-se à linha, e o maquiasta, ouvindo o alvoroço, parou o comboio, perguntando à guarda Maria Adeline qual o motivo do sinal de paragem, most ando-lhe esta a iminência do perigo.

Três minutos depois do comboio de passageiros ter recuado dava o outro entrada na estação. Nesta altura o maquiasta daquele comboio fez sentir ao sub-inspector Ribeiro que não era só mandar avançar o comboio. Este sub-inspector é o unico dos empregados que se encontra ao serviço nesta estação, fazendo de descarregador, aguilheiro, engrator, etc., pois o restante pessoal está compensado dos seus deveres, afirmando unanimemente que só depois de atendidas as suas reclamações retomarão o trabalho.

Avale o público o perigo de se utilizar dos comboios, pois dum momento para o outro está sujeito a uma desgraça como a que aquela grevista evitou.

Acaba de ser dada ordem a todo o pessoal para retomar o serviço, ou então retirar todos os seus haveres para fora do limite dos caminhos de ferro. A mais esta afronta respondeu todo o pessoal retirando o o que lhe pertencia, mas não fica n.º rua, porque tem toda a simpatia do povo desta localidade, que logo se prontificou a receber os ferroviários de braços abertos, oferecendo-lhes tudo que necessitassem.

E' assim, animados na luta, que os camaradas ferroviários proseguem sem desfalecimentos. A'vante, pois, ferroviários!

No Minho e Douro

Apesar dos "trues" a greve mantem-se—A opinião dum passageiro—As autoridades enveredam pelo dominio da violência—Pranchadas—As associações ferroviárias são fechadas—E' proibido "andar parado"—Não se pode reunir—Serviço de espionagem—Outras notas interessantes

PORTO, 9.—C.—Até hoje, todos os trues tem falhado, motivo por que as defecções são as mesmas com chidas. Ontem, terminou o prazo da apresentação do pessoal dos escritórios. De accordo com a deliberação tomada na reunião do Centro Republicano Ferroviário, repelliram os empregados da direcção do M. e D. o aviso-pagão publicado pela direcção interna dos actuaes serviços militares e normalizados. Tocaram tamém as sirenas das officinas. Mas os artifices, com os empregados

de carteira, responderam com a sua ar'stencia.

Apelaram para a reconsideração e patriotismo do restante pessoal ferroviário; mas como do patriotismo só vivem os altos magnates da governança e os que da policia fazem estribo para se alarandarem nos elevados e lucrativos cargos publicos, esse restante pessoal conservou-se na mesma attitude.

Como é de prever, isto irritou as autoridades e, portanto, enveredaram pelo caminho das violências. A' força, tem de ir os ferroviários para os seus lugares. A Montanha, esse imundo jornal que tem a petulância da governança e o publicano e que, por felicidade nossa, a sua tiragem é só para a família, tam insignificante quanto ella é—aconselhava, num furibundo arrazoado, inserto em fundo, com grunhidos de cochon e fúrias de pantera—como os sidonistas, os monárquicos os miguelistas—que fossem buscar, a landreiro, os grevistas, e os obrigassem, a landreiro tamém, a it para o serviço!

E as autoridades, seguindo um pouco o conselho, espediaram ontem um magote de grevistas que estavam nas proximidades de S. Bento (estação).

Desculpas da autoridade: estavam aqueles grevistas preparados para apunarem os seus camaradas que pretendem retomar o serviço, a convite do conhecido, pelo pessoal, aviso-pagão! A' tarde repetiram-se as mesmas scenas, e à noite, segundo informes que me chegaram aos ouvidos, o commissário adjunto, um tal capitão Esteves, punxou do facialio profissional e acutiou dois grevistas, porque um grupo deles não se dispuseram tam depressa como elle queria. Uns valientes, estes commissários!

Se ficassem por aqui as violências, bem estava! Mas não. Sob pretexto de que "os ferroviários saíram das trocas da correção", as autoridades encerraram e selaram, abruptamente, as portas das associações de classe dos ferroviários—União Ferroviária e Delegacia da Associação dos Ferroviários da C. P., em Gaia—por serem funcionários do Estado! Ora a União Ferroviária está legalmente constituída, tendo alvará, e dentro della, apesar de imenso comitê, reinou sempre a ordem, a mais completa harmonia.

Verdadeiro motivo foi este: ontem, efectuou-se uma reunião conjunta do pessoal da C. P. e do M. e D. trocando-se as mais tocas saudações de solidariedade reciproca e resolvendo "que todos só deveriam retomar o trabalho em conjunto depois das suas reclamações atendidas". A seguir a esta reunião, à qual assistiram perto de 1.000 ferroviários, devia realizar-se hoje uma outra em Gaia, na Delegacia do pessoal da C. P., voltando, no dia seguinte, a efectuar-se a União Ferroviária, e assim succederia a mesma forma de incontinente animo uns contra outros.

Ora isto não convém às autoridades sidonistas, perdão grangistas democraticos, dai o provocarem a dispersão, tanto mais que pelos mesmos motivos, segundo o edital do commissariado, não é permitido que nenhum ferroviário estacione, quer dizer: ande parado junto das estações do Porto e Campolide, bem como não são autorizadas reuniões dos grevistas, em parte alguma. Ao pé das estações acima referidas, estabeleceu-se uma espiagem desenfreada, ao que chamam rigorosa fiscalização, a fim de sempre a estafada linha—garantirem a liberdade de trabalho.

Apesar de tudo, porém, os grevistas, ou antes o comité, recebeu telegramas de Viana, Régio, Barca de Alva, Monção, Alameda, Tua, Braga, Penafiel, Valongo, etc., onde as violências tamém são inúmeras, comunicando a solidariedade ser um facto.

Comunicações recebidas garantem que os estragos nas locomotivas continuam, devido à inperplexidade dos que nelas trabalham. Assim, já estão em reparação as máquinas n.º 10, 51 e 103, esta ultima dos comboios de grande percurso. A n.º 8 tem as suas caldeiras queimadas e a n.º 32, que circulava no ramal de Braga, encontra-se avariada a um metro de distancia da linha, devido a um desaccarillamento que originou, pelo menos, desastres materiais.

O Comité da greve teve conhecimento de que o sub-inspector Raúl Martins, que de novo se occupou com a direcção da 2.ª sub-seccão do movimento, tem enviado cartas a casa dos carregadores intimando-os, sob a ameaça de demissão e de prisão, a comparecerem nas estações. Aquele cavalheiro é o mesmo que, já como sub-inspector, fazia e desfia, politicamente, tudo quanto quizesse, servindo-se da Associação Ferroviária, a que pertencem.

O mesmo Comité, em nota officiosa, louva a attitude dos camaradas Abílio Alves da Costa, Braga e Manuel José da Silva, incitando-os a não se intimidarem com as ameaças de qualquer mandão miliciano-ferroviário. Igualmente cumprimenta Manuel Pinto da Silva, maquiasta e o fogueiro Carlos, pelas provas de verdadeira solidariedade, e Miguel Wagell Russer, chefe da 1.ª secção de via e obras, tomando em apreço as palavras dirigidas à União Ferroviária e a todo o pessoal em luta.

O aparato bélico junto das estações de S. Bento e Campolide, e as constantes evoluções provocadoras das forças, deu origem a que os chefes de secção dos diferentes escritórios centrais seguissem o caminho dos seus camaradas de trabalho, abandonando o serviço. É uma apresentação ao invés, retirando-se, naturalmente, os três em

Aos ferroviários do Sul e Sueste, Minho e Douro

Companhia Portuguesa

As notas officias do governo, publicadas ultimamente, fazendo referencia a algumas subvencões, são tendenciosas e inexactas.

As subvencões a que se referem são as que já o pessoal ferroviário usufrui, acrescidas apenas duma insignificante diferença de vencimentos, resultante da pseudo-revisão, feita às tabelas do decreto 5605 de 10 de Maio de 1919.

Aos ferroviários da Companhia Portuguesa, exige o governo que a Companhia não conceda um aumento de vencimentos superior ao que impõe aos ferroviários do Estado.

A circulação de comboios que se tem annunciado é reduzidíssima, sendo tripulados por militares, o que não influe no prosseguimento da greve.

O desastre ocorrido ao vapor "Minho", do Sul e Sueste, occasionou mortos e feridos, tendo succedido um outro desastre ao "Douro", que o inutilizou.

Este Comité convida todos os ferroviários a manterem-se em greve, visto que a solução do conflito se fará em bases conciliatórias.

Emquanto o público vai ser sobreccarregado com um aumento de tarifas de 100 O/O, aos ferroviários quer o governo dar um aumento pouco mais de 15 O/O sobre os vencimentos, para os forçar amanhã a novo movimento.

Que todos se mantenham como na primeira hora.

O Comité Central dos Ferroviários de Portugal

Justo do aviso-papão — os únicos que deram provas de fidelidade — e, portanto, os únicos que merecem ser enforcados nas repulças.

Nota trágica — uma comissão de comerciantes e industriais foi oferecer os seus serviços ao governador civil. E ao fazê-lo, declarou-lhe, perentoriamente, que isto é independentemente da resolução que as suas classes possam tomar no sentido de bem mostrar o seu desagrado aos agitadores. Ao aumento do preço dos géneros aproveitando-se da greve ferroviária, vão sobrepôr maior exploração ainda. E os industriais, por sua vez, ao roubo e espoliamento dos seus operários, acrescentam maior roubo e espoliamento, se possível for. E o chefe do distrito, achou bem. Os ferroviários dos caminhos de ferro do Porto à Póvoa Familiarizaram-se com a mobilização militar, protestaram contra a mobilização militar de alguns dos seus componentes, que, contrariados, são impelidos a trazer a causa dos seus irmãos de classe, e tornaram público o que se não foram para a greve é porque as suas reclamações foram atendidas dentro dos recursos da companhia, aguardando, no entanto, com seriedade, o decorrer deste movimento ferroviário, para, na oportunidade, agir conforme as circunstâncias.

Um manifesto dos ferroviários do Estado

Tem sido distribuído profusamente um manifesto dos camaradas ferroviários do Sul e Sueste e Minho e Douro, em resposta aos três decretos que o governo vai publicar. Vamos transcrevê-lo, à excepção das elucidações tabelares que o acompanham pela absoluta carência de espaço, pedindo a atenção dos leitores para a sua clara exposição:

Camaradas:

Mais três decretos vão sair como resposta dos governantes à atitude dos ferroviários do Sul e Sueste e Minho e Douro.

Esses três decretos veem afirmar a incompetência do governo, a sua fraqueza perante um Conselho de Administração que conseguiu subordinar à sua vontade e aos seus caprichos o ministro do comércio, que por sua vez está dando ao país uma prova da sua falta de orientação, confirmando assim o que a imprensa disse sobre a questão suscitada entre aquela entidade e o ex-comissário dos abastecimentos, Alvaro de Lacerda.

Nessa ocasião o jornal *O Seculo* intimou o ministro do comércio a sair das portas do poder por incompetência.

Hoje, o mesmo jornal, como os seus congêneres, não tem a coragem de repetir a afirmação, pois que a verdade é que esta questão arrastou-se pela incompetência do ministro do comércio e pela sua subalternidade moral ao Conselho de Administração. Os três decretos anunciados o provam.

O fim a atingir com eles está claramente demonstrado nos seus artigos.

Esmaçar a organização associativa da classe ferroviária do Sul e Sueste Minho e Douro; submeter o pessoal a uma disciplina despótica e infamante, reduzindo-lhe as regalias que o mesmo usufruía, para, sob uma atmosfera de terror, obrigar os ferroviários a aceitarem quanto lhes queiram impor, transformando-os num bando de carneiros obedecendo cegamente à voz dos depósitos não permitir que o pessoal reclame o que julga justo, criando uma pseudo comissão de melhoramentos, pelo sistema político, comissão subordinada à maioria dos representantes do governo, dos comerciantes, dos industriais, dos lavradores e das câmaras municipais; por último, deixar os ferroviários na mesma miséria em que tem vegetado, alargando-lhes com a responsabilidade dum aumento de 100 % nas tarifas e por esse facto indispensáveis com o público.

Eis os fins do governo, maneado pelo Conselho de Administração.

A revisão das tabelas do decreto 5605 que o governo diz estar concluída, constitui uma verdadeira burla que se quer fazer ao público e aos ferroviários. Sobre o público irá mais uma vez pesar um aumento de tarifas importante, e no entanto, o pessoal ficará ludibriado, vegetando na miséria, sujeito a em breves meses, ter de novamente reclamar um aumento de salário.

Sem coesão, sem tática, sem ordem, fez-se uma classificação de classes e categorias que é uma verdadeira irritação, como os especialistas em assuntos de organização ferroviária podem constatar.

Atenderia à situação económica dos ferroviários, disse o ministro, ao referir-se à revisão das tabelas, estabelecendo uma equidade nos vencimentos e concedendo mais proventos aos que menos vencimentos tivessem.

Exactamente o contrário, como se conclui da análise das tabelas que se seguem que são a prova frisante de que o ministro do comércio continua a ser ludilhado pelas informações que lhe prestam.

Aos que maiores vencimentos auferiam já, concedê-lhes a revisão aumentos de 40500, 37500 e mais; aos desgraçados com ordenados miseráveis, limita-os a aumentos irrisórios de 15500, 9500, 7550 e... 1550.

Isto é a obra do Conselho a quem será concedida uma sobretaxa talvez de 100 0/0 de aumento das tarifas, para ao pessoal se conceder apenas o que vêdes.

Verificai pois as tabelas desse decreto-burla, cuja revisão se fez à porta fechada, e que nos pretendem impor, pela força e pela violência, para que fiquemos na mesma miséria e na mesma desgraça em que temos vegetado. O resto é uma farsa.

As horas para o pessoal do movimento, a inclusão nos vencimentos da subvenção de 24500, tudo isso nos é negado.

Tudo está deturpado. A miséria continuará se não a soubermos evitar.

E' contra isto que a nossa força e a nossa união tem de continuar a manifestar-se.

Seria a última das cobardias. Seria o maior dos crimes. Seria emfim a liquidação da classe ferroviária, se tal aceitássemos.

E ainda é possível haver ferroviários que se prestem a alimentar com a sua traição todos estas infâmias?

Não! Só os poltrões o podem fazer. Em péso, em massa contra as intenções do governo.

A pé camaradas!

Nem um passo à rectaguarda!

Nem estamos num país de escravos, como nos quer afirmar o governo.

Assim como portugueses queremos a autonomia e a independência da nacionalidade, como ferroviários, como trabalhadores, queremos ser livres, queremos a independência e a autonomia da nossa dignidade e dos nossos direitos.

A loucura apouca-se dos homens que se sentam n. s. cadeiras do Poder.

Sabíamos nós, ferroviários, responder-lhe serenamente, mas com firmeza.

O que resta de útil e aproveitável nos Caminhos de Ferro do Estado, está impossibilitado de funcionar, pela salvadora sabotagem, que hoje é a única garantia que o público tem, para, terminando o conflito, poder contar com máquinas para rebocar comboios.

O resto está inutilizado. O último crime praticado pelo governo contra o público, foi o desastre ocorrido com o vapor *Minho*, que pôs em grande risco a vida de algumas dezenas de pessoas, ficando inutilizado.

Perante tudo isto, só nos resta man-

ter a greve energicamente até à vitória, para que tudo se normalize.

Neste momento a continuação da greve, será a salvação dos Caminhos de Ferro e a garantia para o público que ainda poderá contar com comboios.

Continuemos pois a luta, que a vitória está garantida.

Seja por quanto tempo for. Disposmos neste momento dos necessários meios para sustentarmos a luta contra os incompetentes e por isso para a frente sem hesitações, com os nossos valentes camaradas da C. P.

Abaixo os «truces» do governo e do conselho de administração.

Viva a greve!

Outubro de 1920.

O Comité Central dos Ferrovários do Sul e Sueste.

Protestos da organização operária

Além da manifestação pública do proletariado do Porto a favor das reclamações dos ferroviários, também várias classes operárias do país lhes tem demonstrado a sua solidariedade em todas as reuniões que efectuam.

De Beja acabamos de receber o seguinte telegrama:

BEJA, 12—A classe dos manufatureiros de calçado protesta energicamente contra o conselho administrativo dos caminhos de ferro do Estado.

Foi encerrado o Sindicato Ferroviário

Ontem à noite a polícia encerrou o sindicato do pessoal da Companhia Portuguesa.

E' assim que a competência do sr. Grunjo se manifesta, julgando que desta forma resolve o conflito.

Mais uma perseguição que simplesmente arquivamos.

Os jornais da classe

Foram também publicados, num só número, *O Sul e Sueste* e *O Ferroviário*, respectivamente órgãos dos ferroviários do Sul e Sueste e do pessoal da C. P., onde desenvolvimento se trata, das condições precárias que levaram aquelas classes à luta.

Chauffeurs

Tendo-se efectuado ontem, pelas 18 horas, no palácio da Regaleira uma reunião de chauffeurs, automobilistas e garagistas, para se assentar no caminho a seguir, foi resolvido que os chauffeurs retomassem hoje o trabalho, tendo-se nomeado uma comissão composta de garagistas, proprietários de automóveis de aluguer e particulares e de chauffeurs, para continuarem as demarches para consequimento das reclamações de carácter moral e profissional apresentadas pelos chauffeurs por intermédio das suas associações.

Poram exarados na acta votos de louvor ao sr. Artur Aires pela cedência da sala para a reunião, e aos srs. automobilistas e garagistas que acederam ao convite da classe, assistindo à reunião.

Nesta assembleia foi votada a greve em princípio, na eventualidade de as entidades superiores de futuro nada resolverem.

Pelo comité da greve foi-nos enviada a seguinte comunicação:

Por motivo de insidiosos boatos prepalados ao proposto fim de prejudicar a classe nas suas reivindicações, os chauffeurs, em reunião conjunta com os senhores automobilistas e garagistas resolveram, para provar que a greve outro fim não tinha senão o de conseguir a satisfação das suas justíssimas reclamações e também por as entidades superiores afirmarem que só quando o parlamento abrir, a classe as poderá ver satisfeitas, retomam hoje o trabalho, não abdicando, porém, das reclamações, tendo-se, na hipótese delas serem preteridas, votado a greve em princípio.

Este comité salda os camaradas que consistentemente cumpriram o seu dever, e faz votos para que a classe se unifique cada vez mais e que, quando em momento de luta para defesa de nossos interesses, seja solidária em extremo.

Este comité salda os chauffeurs de todo o país.

Viva a classe dos chauffeurs em Portugal. — O Comité do Sul.

Operários municipais

Com grande concorrência, realizouse ontem mais uma reunião dos operários municipais, para tratar da marcha do seu movimento.

Entre o vário expediente foi lido um comunicado do Comité Central, que foi muito apreciado e discutido.

Vários oradores fizeram uso da palavra sobre o movimento, aconselhando as classes a prosseguirem na luta, sendo encerrada a sessão até que ingressassem na sala os camaradas que se encontravam presos.

Passada meia hora, entraram na sala os referidos camaradas que foram muito ovacionados.

A sessão foi encerrada no meio de grande entusiasmo, ouvindo-se vivas aos operários municipais, à organização operária e à Batalha.

Hoje reúne esta classe, em assembleia magna, na sede do Sindicato de Limpeza e Sanidade Publica, Travessa da Agua de Flor, 16-1-9.

O Comité Central envion-nos o seguinte comunicado dirigido aos grevistas:

«Camaradas: O nosso patrão, a Câmara Municipal, ainda não se dignou a entrar em negociações conosco.

E' não se dignou porque, camaradas? Porque nos quer fazer render pela fome, que de há muito lava nos nossos lares.

Estão puramente enganados esses senhores, porque nós, unidos como um só homem, estamos dispostos a lutar até à vitória final.

E' de que depende essa vitória, camaradas?

Depende da nossa união e solidariedade. Não vos atemorizeis com as várias notícias inseridas nos órgãos burgueses sobre a substituição do pessoal. Essa substituição é fantástica, porque até a data o pessoal que se tem apresentado, limita-se a meia dúzia de homens e crianças, que devido à sua inconsciência, se servem deles para praticar a traição.

Essa meia dúzia de inconscientes são incapazes de normalizar os serviços e para que tenham a convicção do que

afirmamos, observai pessoalmente o que eles fazem.

São tão incompetentes, camaradas, que só servem para fazer o serviço da Limpeza e Sanidade, pois que nas outras especialidades não há traidores, que andem acompanhados por operários fardados, de baionetas caladas.

Fomos informados que o sr. aparelhador dos calceteiros da área de S. Lourenço, Francisco Antunes Cabral, se prestou, mediante a apresentação dum cartão da junta da freguesia, a fornecer ferramentas para a remoção de lixo da aquela área.

E dizem-se esses senhores socialistas: Não há dúvida que o partido socialista tem no seu seio um bom elemento.

Este comité mais uma vez vos lembra a máxima firmeza, e ponderação, pois que ele até à vitória final estará sempre vigilante.

Saludando-vos, considera-vos sempre fiéis.

O Comité Central.

—Fomos procurados pelo sr. Pires Gonçalves, apontador do jardim da Estrela, o qual nos afirmou que é falso que tivesse mandado chamar a polícia, pois se esta lá está é por mandado da Câmara, assim como não deve o seu laço ao facto de ter trabalhado no movimento operário.

O referido senhor atribue a informação dada ao comité da greve dos operários municipais, a qualquer «mal intencionado» que abusou da confiança que os camaradas do comité nele depositavam.

Operários metalúrgicos

Com a intervenção do Sindicato Único Metalúrgico, ficou ontem solucionado o conflito suscitado entre o pessoal da firma A Nacional Metalúrgica, Limitada e os respectivos industriais.

Se bem que os aumentos reclamados pelo operário não acompanham a alta da vida, pois o salário mais alto ficou em 5552, contudo foram satisfeitos por completo as reclamações, que o pessoal fez por agora, não encontrando o delegado do Sindicato, grande relutância da parte da firma industrial.

Equiparação de vencimentos

Da Associação do Pessoal dos Hospitais Civis Portugueses, recebemos a seguinte comunicação:

«Esta colectividade previne os serventes, criados e porteiros que devem comparecer hoje, às 21 horas, na sede da Associação de Classe para lhes serem apresentados os trabalhos sobre a equiparação de vencimentos pelo seu delegado José Garrido Monteiro.

Fusilamento de Ferrer

Realiza-se hoje, na Associação de Classe dos Empregados de Escritório, rua da Madalena, 255, 1.º, uma sessão pública comemorativa do fusilamento de Francisco Ferrer y Guardia, promovida pelo Centro Comunista de Lisboa.

Usarão da palavra conhecidos militantes operários, historiando o que foi a vida de incansável propagandista da Escola Moderna.

Prisões arbitrárias

O estado de confusão e indisciplina a que isto chegou, dá azo a que se cometam as maiores arbitrariedades, tendo o poder central perdido, já toda a força e autoridade para se impor aos que o servem, pois em vez de cumprir ordens, impõem-nos, cometendo as maiores tropelias, o que provoca a revolta das vítimas e de todos os homens amantes da liberdade, e ao mesmo tempo que desprestigiam a república, em favor dos seus adversários políticos que não abandonam o desejo de derrubá-la. E os governantes e os que os rodeiam vão fornecendo elementos para o desenvolvimento da reacção, que uns e outros preferem a ver triunfar a causa dos que trabalham.

E como demonstração do que afirmamos no início desta local, publicamos ontem os jornais «que o major sr. Marreiros determinou que nenhum preso, seja quem for, seja recebido pela sua polícia sem que a acompanhá-lo vá a devida participação que justifique a captura, e também para que o captor assumia a responsabilidade da prisão, estando todas as participações respeitantes às prisões devidamente assinadas».

Tais determinações que parecem destinadas a evitar que estranhos à polícia pratiquem arbitrariedades, não de ser respeitadas como o são as leis e decretos sobre questões de direitos e liberdades existentes na legislação da república, pois já corre que as prisões vão continuar, intensificando-se as buscas domiciliárias. Quer dizer: vai continuar-se a explorar a pavorosa e a praticar-se revoltantes arbitrariedades.

—Além dos camaradas de que ontem demos nota, antontem foram postos em liberdade mais os seguintes: João Miranda, José Teodoro da Trindade, Francisco Soares, Vicente Tomás da Cunha e José Pinheiro, não sendo verdade que fossem largamente interrogados como disse um jornal da manhã.

—Na prisão n.º 4 do Depósito de Adidos, às Janelas Verdes, continuam presos os nossos camaradas: Alfredo Pinto, Luís Ramires, Joaquim da Cruz Coradinho, António Salvador Seráfico, Mário Martins, Manuel Santareno, Artur J. Valente e José Abel, que podem ser visitados às quintas-feiras e domingos, das 14 às 15 horas.

—O condutor da C. P. José de Oliveira Dias Costa, continua incomunicável no mesmo Depósito.

—Manuel Viegas, tipógrafo de A Batalha, continua preso no calabouço n.º 5 do Governo Civil.

—No Governo Civil encontram-se ainda presos os camaradas: Rosendo José Viana, António Rodrigues de Sousa, Manuel Garrido, José Ferreira, António Fernandes Garcia, Amândio dos Santos, Máximo da Silva, António da Costa Mota, Manuel Braga, José Clemente, Pedro da Silva, Clemente da Silva, António Henriques Gonçalves, Raul Marques de Oliveira, António Duarte, José Rodrigues Ferreira, António Gonçalves, Alfredo Duarte Neves, José Jesus Fidalgo, Manuel Joaquim dos Santos, Daniel Marques, José de Pinho, António de Oliveira, Leonardo Antunes, Armando Ramos, Eduardo e Alfredo da Silva Baltazar.

—No calabouço n.º 7 está o camarada ferroviário do Sul e Sueste José da Visitação, Oliveira, preso há uns doze dias em Évora.

Tendo sido preso António José Regueira, servente, no Bairro Social do Arco do Cego, pede-se a quem saiba do seu paradeiro, ou a este camarada, participe onde está para esta redacção, para assunto do seu interesse.

O operário Raul Marques de Oliveira, preso sob a acusação de censurar os avaros da Câmara Municipal, e que está no Lameiro, pede-nos que noticiemos que vai hoje responder.

afirmamos, observai pessoalmente o que eles fazem.

São tão incompetentes, camaradas, que só servem para fazer o serviço da Limpeza e Sanidade, pois que nas outras especialidades não há traidores, que andem acompanhados por operários fardados, de baionetas caladas.

Fomos informados que o sr. aparelhador dos calceteiros da área de S. Lourenço, Francisco Antunes Cabral, se prestou, mediante a apresentação dum cartão da junta da freguesia, a fornecer ferramentas para a remoção de lixo da aquela área.

E dizem-se esses senhores socialistas: Não há dúvida que o partido socialista tem no seu seio um bom elemento.

Este comité mais uma vez vos lembra a máxima firmeza, e ponderação, pois que ele até à vitória final estará sempre vigilante.

Saludando-vos, considera-vos sempre fiéis.

O Comité Central.

—Fomos procurados pelo sr. Pires Gonçalves, apontador do jardim da Estrela, o qual nos afirmou que é falso que tivesse mandado chamar a polícia, pois se esta lá está é por mandado da Câmara, assim como não deve o seu laço ao facto de ter trabalhado no movimento operário.

O referido senhor atribue a informação dada ao comité da greve dos operários municipais, a qualquer «mal intencionado» que abusou da confiança que os camaradas do comité nele depositavam.

Operários metalúrgicos

Com a intervenção do Sindicato Único Metalúrgico, ficou ontem solucionado o conflito suscitado entre o pessoal da firma A Nacional Metalúrgica, Limitada e os respectivos industriais.

Se bem que os aumentos reclamados pelo operário não acompanham a alta da vida, pois o salário mais alto ficou em 5552, contudo foram satisfeitos por completo as reclamações, que o pessoal fez por agora, não encontrando o delegado do Sindicato, grande relutância da parte da firma industrial.

Equiparação de vencimentos

Da Associação do Pessoal dos Hospitais Civis Portugueses, recebemos a seguinte comunicação:

«Esta colectividade previne os serventes, criados e porteiros que devem comparecer hoje, às 21 horas, na sede da Associação de Classe para lhes serem apresentados os trabalhos sobre a equiparação de vencimentos pelo seu delegado José Garrido Monteiro.

Fusilamento de Ferrer

Realiza-se hoje, na Associação de Classe dos Empregados de Escritório, rua da Madalena, 255, 1.º, uma sessão pública comemorativa do fusilamento de Francisco Ferrer y Guardia, promovida pelo Centro Comunista de Lisboa.

Usarão da palavra conhecidos militantes operários, historiando o que foi a vida de incansável propagandista da Escola Moderna.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Cortadores.—Reuniram ontem, em assembleia magna, para apreciar um ofício dimanado da comissão de melhoramentos dos operários do Matadouro, resolvendo-se declarar a greve em princípio como solidariedade para com aqueles camaradas, sendo nomeada uma comissão para se avistar com a Câmara Municipal e a União dos Comerciantes de Carnes Verdes, devendo essa comissão apresentar o resultado da sua marcha na reunião que se realiza amanhã, pelas 20 horas, em que se deliberará sobre o caminho a seguir.

Sindicato Unico de Mobiliário.—Conselho técnico e de melhoramentos. —Reuniu ontem apreciando largamente o regulamento das comissões por freguesia, que será presente à assembleia que hoje se realiza.

Comissão administrativa.—Convidam-se todos os cobradores, que aos domicílios ou por oficinas, a vir hoje fazer entrega das cobranças, afim de poder-se ultimar as contas referentes ao terceiro trimestre.

Tendo o secretariado deste organismo conhecimento de que o camarada Artur Augusto Nogueira, estofador, manifestara desejo de que o congresso corporativo se ocupasse dum trabalho referente a esta especialidade, fez-lhe um convite, por ofício, afim de vir apresentá-lo à assembleia que hoje se realiza.

Por isso convidam-se, em especial os indicados estofadores, a comparecerem na mesma assembleia.

CONVOCACOES

Federação do Livro e do Jornal.—Reúne hoje, pelas 21 horas, o secretariado. O conselho central reúne na sexta-feira.

Federação da Construção Civil.—Bolsa de Trabalho e Solidariedade. —Convidam-se todos os delegados da comissão administrativa desta bolsa a reunir hoje, pelas 21 horas prefixas.

Sindicato Unico Mobiliário.—Realiza-se hoje, às 20,30 horas, a assembleia geral para resolver sobre o caso José Lopes Ferreira, apreciar as teses a debater no Congresso Corporativo e discutir o regulamento das comissões por freguesia.

Sindicato Unico da Construção Civil.—A comissão pró-Casa dos Trabalhadores, nomeada pelo sindicato, convida o camarada Cândido da Silva que fazia a dita cobrança na oficina de carpintaria de Frederico Augusto Ribeiro, a vir hoje à sede para uma explicação de que a comissão necessita.

Para assunto de urgência, fica convidado o camarada Augusto Dias, secretário da Secção Sindical de Belem, a comparecer hoje, na sede, para com o secretariado geral resolver o dito assunto.

Sindicato Unico Metalúrgico.—Por acordo entre um numeroso grupo de Cutilleiros e a Comissão Técnica e de Melhoramentos, são convidados a reunir hoje, pelas 20 horas, na sede do S. U. M., todos os cutilleiros de todas as oficinas da respectiva especialidade.

Replicadores de Linhas.—São convidados a reunir amanhã, pelas 20 horas, no S. U. M. todos os camaradas das oficinas de replicagem de linhas. Estas duas reuniões obedecem à necessidade de tratar da reclamação de aumento de salário.

Empregados Menores dos Correios e Telégrafos.—E' convidada a classe a reunir hoje, pelas 21 horas, em assembleia geral, para apreciar o projecto de equiparação de vencimentos do pessoal dos Correios e Telégrafos, e resolver qual o caminho a seguir, em face do mesmo.

Litógrafos e Anexos.—Reúne hoje, pelas 21 horas prefixas, a direcção, sendo indispensável a comparencia da comissão revisora de contas.

União dos Sindicatos Operários

Na sua reunião ont-in efectuada, a comissão administrativa, apreciou diverso expediente, destacando-se um ofício do Sindicato Unico da Construção Civil, que se resolveu baixasse ao conselho, e diversas comunicações do Sindicato dos Operários da Limpeza e Sanidade Publica a propósito do seu movimento grevista, e um ofício do Sindicato dos Operários Alfaiates, comunicando as suas resoluções tomadas em sessão magna da classe, realizada em 10 do corrente, respeitante ao aumento de salário, que também baixou ao conselho. A comissão administrativa discutiu a greve actual do pessoal do Município, dando-lhe todo o seu apoio devido à forma conscienciosa com se tem conduzido e que não se prestaram ao papel de traidores da greve das classes marítimas, visto que queriam obrigar esses operários a desempenhar serviço que a classe marítima competia executar, lamentando uma vez mais que o critério da vereação e em especial do grupo socialista seja tam acanhado, propeando um movimento aliás muito justo, e continuando por esse motivo a cidade pejada de lixo, perigando a saúde pública.

De muitos outros assuntos a comissão administrativa se ocupou que serão presentes ao conselho de delegados que reúne amanhã.

GRANDE OFICINA DE GESTEIRO

Fazem-se com perfeição e rapidez: Assentos de automóveis e outros roes. Mobílias de verga, cestos para pol. Consertam-se todos os artefactos respeitantes a esta industria. Há sempre grande sortido de cestos em todos os feitios. Única casa em Portugal que aceita as encomendas por preços sem contenda.

Calçada do Monte, 31 LISBOA

COBRADOR

Precisa-se na Associação dos Trabalhadores Rurais do Campo Grande. Trata-se das 20 às 22 horas na rua do Campo Grande, 348, 1.º, D. to.

Barracão

Espaçoso, em madeira, vende-se a trespassa em quinta do sr. Filipe, trada de Sacavém, 96. Trata-se no n.º 108.

SIFILIS

Grande descoberta de plantas para a cura da sífilis e de todas as doenças que derivam da impureza do sangue. Centenas de pessoas tem curado. Trata-se de todas as doenças por meio de ervas. Caixa, 800, 700, 500, 250, 125, 62, 31, res-do-chão, dire. a Estrela.

Cotações de folha e chapa de cobre e outros materiais

As melhores dá

A. Telles Machado

Representante da casa

John P. Quinn de Liverpool

Rua de S. Julião, 23

Telefone 3742

ALBERTINO LOPES

Manufactor de calçado. Rua Com. Freire, 150, rje.

NICOLAU GOMES CORREA

Alfaiate-Mercedor

Fornecedor de Empregados dos Caminhos de Ferro do Estado e da Companhia Nacional de Navegação

Para Sines, Lagos, Portimão, Beira, Faro e Olhão. Sairá no 14 do corrente o vapor *Mindeia*, 6 horas da manhã.

PARA LEIXÕES

Sairá brevemente o vapor *MOSSA MEDES*. Para carga e passageiros dirigidos a escritórios da

Companhia Nacional de Navegação

Rua do Comércio, 85

A' Rapaziada!!!

As valentes e dèras!